



A Missão de Allan Kardec

Allan Kardec foi o escolhido para tão elevada missão, como a de Codificador, justamente pela nobreza de seus sentimentos e pela elevação do seu caráter, tudo aliado a uma sólida inteligência.

Ele sujeitava os seus sentimentos, os seus pendores, à reflexão. Tudo era submetido ao poder da lógica. Só aceitava o que havia verificado e comprovado, dentro dos estudos a que procedia. Se era um emotivo, sabia dominar-se. Nada passava sem o rigor do método, sem o crivo do raciocínio.

Filósofo, benfeitor, idealista, dado às idéias sociais, possuía ainda um coração digno do seu caráter e do seu valor intelectual. Estava sempre disposto ao socorro, ao amparo, sem que a mão esquerda soubesse o que fazia a direita. A caridade para ele não era um mero princípio; ele não a praticava com a frieza do sectário, nem mesmo por simples dever, mas pelo profundo amor que dedicava a seu semelhante.

Em se tratando, porém, de observar e experimentar, era o estudioso metuculoso, onde o sentimento não intervinha, e a quem o calor das paixões não turbava. Voltava a ser o sábio frio que sondava, imperturbável, os segredos da criatura e da criação. É que aí se reclamava a sua sensatez. Ia ele apresentar fatos e doutrinas que revolucionariam o pensamento humano, que iriam governar o mundo espiritual, e sendo ele, como, com muita justeza, dizia Camille Flammarion, o bom senso encarnado, possuindo um critério que faria inveja aos mais ponderados, percebeu a sua imensa responsabilidade nas teorias que iria espalhar e procurou, então, guiar-se pelas luzes da razão, pelos preceitos da Ciência, dentro da maior imparcialidade, tendo como escopo, acima de tudo, o que parecia a verdade.

Quaisquer que fossem as suas idéias, ele as punha de lado, se outras mais sábias lhe eram ministradas. Não as tinha preconcebidas. Só o interessava o que podia estar certo. Velhos preceitos, inúteis preconceitos, sentenças arraigadas, as religiões empedernidas, os dogmas do passado, tudo teria que aluir diante do jorro de luz que os Arautos do Senhor lhe vinham trazer.

Bem sabia ele que poderia ficar soterrado no vetusto edifício que vinha reconstruir, sob a égide dos Mensageiros. Não lhe faltaram os avisos dos Espíritos, que o advertiam do perigo em por o alvião em instituições seculares. Bem sabia ele que iria ver adunados contra

si religiosos e cientistas, pois que a nova doutrina desmentia pontos de fé e preceitos que se tinham como invulneráveis.

Em religião eram doutrinas básicas que iam ser remodeladas. O Cristianismo iria ser encarado por outra face: era o Cristianismo do Cristo, e não o de seus vigários. A Ciência veria perturbadas as regras que fundou, esteadas unicamente na matéria, nas falsas noções sobre o Espírito, sobre a sua vida, a sua independência, a sua anterioridade ao corpo, a sua imortalidade.

Kardec encarou de frente a tempestade, tomou a bússola que lhe davam os Espíritos Superiores e rumou, por mares até então desconhecidos ou pouco vislumbrados, para as terras onde brilhava o sol da Fraternidade.

* * *

Allan Kardec tinha um sofrimento cardíaco. Esgotado por motivo de seu exaustivo trabalho intelectual, e já bastante fraco, entregou-se, por estar em mudança, a grande esforço físico, no encaixotamento e transporte de sua volumosa biblioteca. Rompe-se-lhe um aneurisma e ele falece aos 31 de março de 1869.

Cabem aqui estas palavras de Flammarion, pronunciadas no túmulo do mestre: “Naquele dia solene, dissera eu o supremo adeus na sepultura do fundador da Livraria Acadêmica, o honrado Didier, que foi, como editor, convencido colaborador de Allan Kardec na publicação das obras fundamentais de uma doutrina que lhe era cara. Este morreu também subitamente como se o Céu quisesse poupar aos dois íntegros Espíritos o embaraço filosófico de saírem desta vida por maneira diferente da comum.

E pois que sabemos de sua alma imortal sobrevivente a estes despojos mortais, assim como preexistiu a eles; que laços indestrutíveis ligam o mundo visível ao mundo invisível; que esta alma existe hoje tão íntegra como há três dias, e que não é impossível achar-se aqui entre nós, digamos-lhe que não quisemos ver dissipar-se a sua imagem corpórea a encerrar-se no sepulcro, sem lhe honrar unanimemente os trabalhos e a memória; sem pagar o tributo de reconhecimento à sua encarnação terrestre, tão digna e utilmente preenchida.”

Falecera o Codificador, mas ficara a Codificação.

(IMBASSAHY, 1988, p.55)

Texto Extraído da Fonte:

1 IMBASSAHY, Carlos. **A Missão de Allan Kardec**. Departamento de Difusão Doutrinária. Federação Espírita do Paraná. Curitiba, 1988.